

Artigos

Transmutando o tarô para uma poética artística: reverberações intersemióticas

Transmuting the tarot into an artistic poetics: intersemiotic
reverberations

Transmutando el tarot en una poética artística: reverberaciones
intersemióticas

Luise Dolinski Aranha¹ , Reinilda de Fátima Berguenmayer Minuzzi¹ 

¹ Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil

RESUMO

O presente artigo discorre acerca do conceito de transmutação, emergente da pesquisa poética em doutoramento, atravessada pela temática dos Arcanos Maiores do Tarô de Marselha (cartas e textos), valendo-se de apropriações de imagens na rede de internet e a produção de colagem digital. O termo transmutação é localizado nos estudos de tradução intersemiótica como um trânsito criativo entre linguagens verbais e visuais, a partir das contribuições de Jakobson, Plaza, Diniz e Camillotti. Com isso, questiona-se: como o conceito de transmutação opera na minha prática artística e quais são as implicações contidas no processo de transmutar as significações e simbologias do Tarô para a poética? À vista disso, objetiva-se apresentar reflexões, junto às produções visuais resultantes do processo artístico, discorrendo acerca das abordagens teóricas e sua reverberação na presente pesquisa, investigando aproximações e distanciamentos conceituais.

Palavras-chave: Processo artístico; Transmutação; Tarô

ABSTRACT

The present paper discusses the concept of transmutation, emerging from poetic research in the doctorate, which is intersected by the theme of the major arcana of the Marseille Tarot (cards and texts), utilizing appropriations of images from the internet and the production of digital collage. The term transmutation is found in studies of intersemiotic translation as a creative transit between verbal and visual languages, based on contributions from Jakobson, Plaza, Diniz and Camillotti. This raises the question: how does the concept of transmutation operate in my artistic practice and what are the

implications are contained in the process of transmuting the meanings and symbolisms of the Tarot into poetic? In light of this, the objective is to present reflections, alongside visual productions resulting from the artistic process, discussing theoretical approaches and their reverberation in the present research, investigating conceptual proximities and distances.

Keywords: Artistic processes; Transmutation; Tarot

RESUMEN

El presente artículo discurre acerca del concepto de transmutación, emergente de la investigación poética en el doctorado, atravesada por la temática de los arcanos mayores del Tarot de Marsella (cartas y textos), valiéndose de apropiaciones de imágenes en la red de internet y la producción de collage digital. El término transmutación se localiza en los estudios de traducción intersemiótica como un tránsito creativo entre lenguajes verbales y visuales, basado em las contribuciones de Jakobson, Plaza, Diniz y Camillotti. Con esto, se cuestiona: ¿cómo opera el concepto de transmutación en mi práctica artística y cuáles son las implicaciones contenidas en el proceso de transmutar las significaciones y simbologías del Tarot para la poética? En vista de esto, se objetiva presentar reflexiones, junto a producciones visuales resultantes del proceso artístico, discurrendo sobre los enfoques teóricos y su reverberación en la presente investigación, examinando aproximaciones y distanciamientos conceptuales.

Palabras clave: Proceso artístico; Transmutación; Tarot

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta um recorte da pesquisa poética em doutoramento, atravessada pela temática dos Arcanos Maiores do Tarô de Marselha (cartas e textos), valendo-se de apropriações de imagens da internet e da produção de colagem digital. O processo de instauração da proposta artística parece sinalizar a ideia de transmutação enquanto modo operatório, localizado na tradução intersemiótica como um trânsito criativo entre linguagens verbais e visuais. Com isso, questiona-se: como o conceito de transmutação opera na minha prática artística e quais são as implicações contidas no processo de transmutar as significações e simbologias do Tarô para a poética?

No contexto de apropriação dos Arcanos do Tarô na arte contemporânea, destaca-se o trabalho da artista francesa Niki de Saint Phalle, que desenvolveu, entre 1979 e 2002, o Jardim do Tarô¹, localizado na Toscana, Itália. A obra consiste em um

¹ Disponível em: <https://clickmuseus.com.br/o-jardim-de-taro-na-italia-feito-pela-artista-niki-de-saint-phalle/>. Acesso em 11/04/26.

conjunto de esculturas em grande escala que representam os 22 Arcanos Maiores do baralho, construídas em aço e concreto e revestidas com espelhos, vidros e cerâmicas coloridas. Para a artista, o Tarô funcionava como um meio de compreensão do mundo espiritual e um modo de percepção da própria vida. Sua produção evidencia um modo de apropriação e transposição dos Arcanos para uma linguagem tridimensional, aspecto que parece dialogar, em certo nível, com as operações de transmutação investigadas na pesquisa artística pessoal.

Sendo assim, o artigo estrutura-se em duas seções: a primeira expõe, de modo geral, o processo e os procedimentos da elaboração do trabalho. A segunda apresenta, junto às produções visuais, o conceito de transmutação e suas implicações na prática artística, tecendo análises e reflexões a partir da instauração da poética, a fim de investigar aproximações e distanciamentos conceituais.

PROCESSO E PROCEDIMENTOS OPERATÓRIOS

Convém mencionar que, no contexto desta pesquisa, optei até o momento por utilizar como principal referência o livro “O Caminho do Tarot” (2016), de Alejandro Jodorowsky². Essa escolha se configura como um recorte metodológico no desenvolvimento da investigação, não excluindo a existência de outras abordagens e bibliografias sobre o Tarô, como as de matriz junguiana, por exemplo. A opção por Jodorowsky se deve ao modo como o autor compreende o Tarô enquanto sistema simbólico e poético, aproximando-o de uma espécie de “espelho da alma”, capaz de refletir conteúdos inconscientes. Interessa-me também a forma detalhada com que o autor analisa os elementos simbólicos das cartas, bem como a dimensão sensível e poética com que se refere aos Arcanos³.

² Alejandro Jodorowsky (Tocopila-Chile, 1929) é cineasta, dramaturgo, poeta, escritor e um estudioso do Tarô a mais de quarenta anos, realiza leituras públicas, aulas, encontros e conferências. Seu livro “O Caminho do Tarot” (2016) aborda o Tarô sob vários aspectos, servindo de manual para iniciantes e reflexões para tarólogos experientes. Fonte: Jodorowsky, Alejandro. **O caminho do Tarot**. São Paulo: Chave, 2016.

³ O termo Arcano deriva do latim *arcanum* e significa secreto, oculto, mistério. Fonte: Jodorowsky, Alejandro. **O caminho do Tarot**. São Paulo: Chave, 2016.

No processo de instauração do trabalho artístico, a primeira etapa ocorre a partir de uma aproximação com as cartas, por meio da observação das imagens, realizando associações pessoais e anotações, junto à leitura dos textos de Jodorowsky (2016). Dessa interação entre mim, a imagem da carta e o texto, emergem interpretações combinadas a um imaginário simbólico particular, no qual vou reelaborando sentidos a partir das significações apreendidas.

Em um segundo momento, realizo um distanciamento para elaborar, no plano das ideias, a visualidade a ser produzida e, em seguida, acesso a rede de internet⁴ em busca de imagens que serão capturadas e ressignificadas. A terceira etapa é voltada para a produção da colagem digital, na qual utilizo o *software* de edição de imagens, *Photoshop*, para procedimentos de cortes, montagens, sobreposições e ajustes cromáticos, em um processo de experimentação que muitas vezes resulta em novas buscas por imagens e soluções.

Essa prática encontra ressonância no que Bourriaud (2009) denomina de arte da pós-produção, ao caracterizar a produção de artistas contemporâneos que utilizam produtos culturais disponíveis, submetendo-os a um conjunto de tratamentos visuais, sonoros e de montagem, numa espécie de reciclagem daquilo que preexiste e circula na cultura, especialmente com o advento da internet, que possibilita o acesso fácil e rápido à informação. Nesse sentido, não se trata mais de produzir algo novo e original, mas de inscrever no trabalho artístico uma rede de significações. Assim, a questão central que move muitos artistas – e aqui incluo também minha pesquisa poética – é como produzir singularidade e sentido a partir daquilo que já existe? Ou, conforme o próprio autor: “A pergunta artística não é mais: “o que fazer de novidade?” e sim “o que fazer com isso?” (Bourriaud, 2009, p.13).

Diante de um mundo hiperconectado e da proliferação de imagens sem precedentes, emerge um outro sintoma cultural: o fenômeno da pós-fotografia,

⁴ As apropriações visuais são coletadas em banco digitais de imagens *Royalty Free*, sendo estes: <https://pixabay.com/pt/> e <https://www.pexels.com/pt-br/>

caracterizado por Jon Fontcuberta (2017) como consequência da superabundância visual no contexto de uma sociedade digital. Segundo o autor, o termo tem origem nos anos 1990, vinculada às práticas fotográficas com tecnologia digital, a partir da popularização de câmeras digitais, *scanners* e programas de processamento gráfico. No entanto, a pós-fotografia designa menos uma técnica ou procedimento e mais uma transformação na ontologia da imagem e em seu impacto, culminando em um novo regime de interação e experiências virtuais. No que tange a produção artística, o autor sugere que, aos artistas, não se trata de produzir uma “obra”, mas de inscrever sentidos na saturação visual. O discurso sobre originalidade dá lugar às práticas de apropriação, e a ideia de autor se dilui em coautoria, criação colaborativa e interatividade. (Fontcuberta, 2017, p. 39). O autor ainda comenta que a revolução digital trouxe reflexões acerca do status da obra de arte numa era de apropriação digital, indicando um novo paradigma da cultura, uma “estética do acesso”. Ressalta, contudo, que o gesto de apropriação não é novo na história da arte, o que se torna novo é a intensidade que esse mesmo gesto ocorre agora no universo das imagens.

Na prática artística pessoal, o gesto de apropriação visual compreende um deslocamento das imagens de seu contexto de origem, constituindo um olhar que extrai delas uma potência inventiva para atribuir novos sentidos – desde o momento da captura da imagem até sua combinação com outros signos visuais na colagem, que, a partir da junção de fragmentos, poderia ser compreendida como um todo transmutado.

O CONCEITO DE TRANSMUTAÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES NA PRÁTICA ARTÍSTICA

Para além de procedimentos técnicos, o processo artístico apresenta um conjunto de operações capaz de gerar significados, configurando parte constitutiva da poética. Considerando que as etapas apresentadas anteriormente estão articuladas entre si, destaca-se que o trabalho tem como ponto de partida a utilização do Tarô de Marselha, a partir da interação entre mim, as cartas e os textos de Jodorowsky (2016),

mediada por interpretações e associações pessoais. Nesse contexto emerge a noção de transmutação como possibilidade de pensar o modo de operar por meio de um trânsito entre linguagens. Contudo, mais do que tomar esse conceito como dado, interessa aqui investigá-lo em seu caráter ainda em construção, a partir do modo como se aproxima ou tensiona a prática artística. Em outras palavras, questiona-se: como o conceito de transmutação opera na minha prática artística e quais são as implicações contidas no processo de transmutar as significações e simbologias do Tarô para a poética?

As análises e reflexões acerca dessa questão, apresentadas a seguir, decorrem do processo de instauração das imagens (figura 1), que tomaram como referência temática os Arcanos “O Louco”, “A Sacerdotisa” e “A Morte” (figura 2). As ponderações são articuladas junto às abordagens dos autores, de modo a observar aproximações e distanciamentos conceituais. Nesse sentido, torna-se pertinente compreender como os significados atribuídos a esses Arcanos são interpretados e reconfigurados nas colagens digitais produzidas.

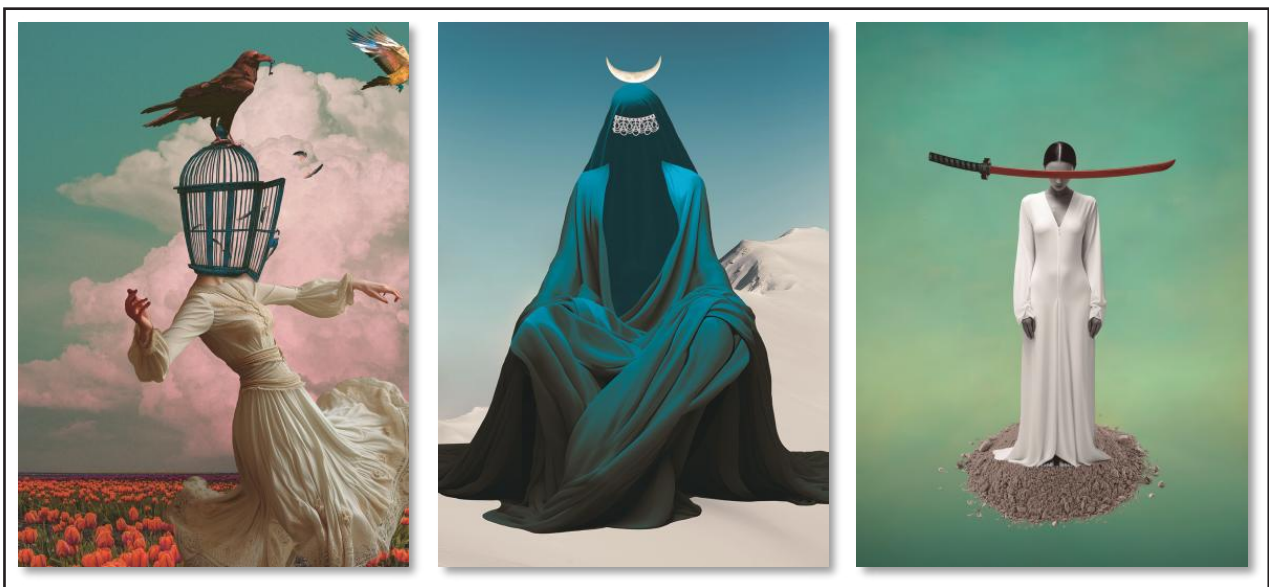


Figura 1 – Luise Aranha. Imagens resultantes do processo artístico a partir da referência temática dos Arcanos: “O Louco”, “A Sacerdotisa”, “A Morte”. (2024).

Colagem digital. Tamanho variável

Fonte: Arquivo pessoal

Segundo Jodorowsky (2016, p. 139), o Arcano “O Louco” pode ser compreendido como energia primordial, liberdade total, caos e pulsão criativa fundamental, também associado à figura do viajante que se desprende dos vínculos e se lança em caminhos incertos. Ao entrar em contato com essa carta, durante o processo criativo, volto minha atenção para a relação entre o humano e o animal. Esses elementos se tornam significativos e orientam a produção da colagem digital, articulando às tensões entre razão e instinto, consciente e inconsciente. Nesse contexto, emerge a pergunta: “Quem realiza o impulso?”

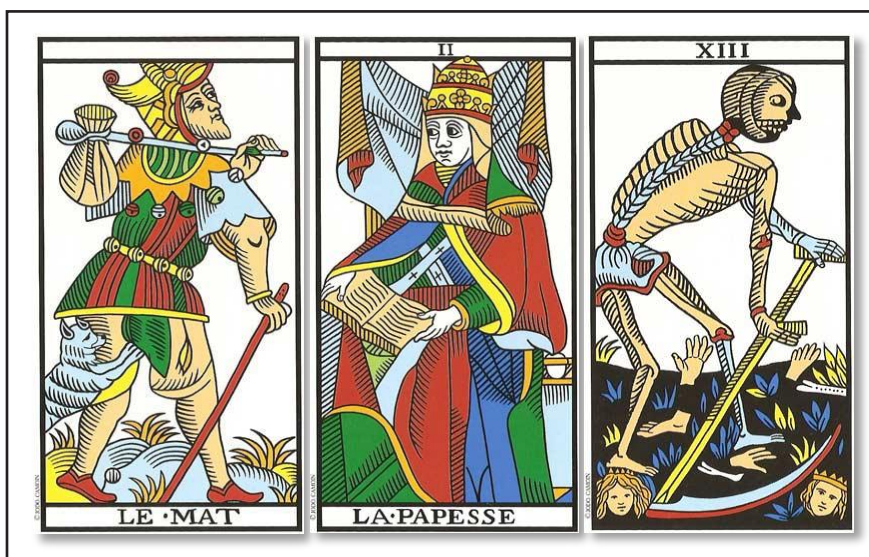


Figura 2 – Tarô de Marselha/Tarot Marseille

Arcanos: O Louco, A Sacerdotisa, A Morte. Imagem digital. Tamanho variável

Fonte: http://www.clubedotaro.com.br/site/galerias/Mars_Jodo_Camoin_maiores.asp

No Arcano “A Sacerdotisa”, também denominada “A Papisa”, Jodorowsky a descreve como símbolo de gestação, interioridade, silêncio e conhecimento oculto. Segundo o autor, trata-se de uma figura enclausurada que incuba a criação de si mesma e de algo novo, representando um processo de transformação que antecede a ação. Sob essa perspectiva, ao me aproximar desse Arcano, meu interesse interpretativo concentra-se em questões como: qual é a ação da carta? Qual é a alma da Sacerdotisa? A partir disso, emergem palavras que orientam minha produção visual, como

recolhimento, mistério e sagrado. O recolhimento me conduz à ideia de inverno e seus efeitos de interiorização e desaceleração, enquanto o mistério se relaciona ao que está oculto, encoberto ou inexplorado – aquilo que se revela sem ser visto, que se manifesta no indizível. Por fim, o sagrado é interpretado como a própria natureza.

Sobre o Arcano “A Morte”, Jodorowsky (2016, p. 218-219) sugere que essa figura convida a uma purificação das profundezas do ser. Não representa um fim, mas uma transformação necessária à renovação da vida, configurando um processo de corte e libertação. O autor descreve o esqueleto como estrutura do corpo, sustentação do movimento e essência da vida, e não como aquilo que resta quando a vida desaparece. Nesse sentido, esse Arcano poderia ser articulado ao “Louco”, como dois aspectos de uma mesma energia: enquanto “O Louco” é impulso e liberação, a “Morte” corresponde a um trabalho de limpeza e transformação, semelhante ao da lavoura ou da ceifa, que torna possível o nascimento de uma nova vida. Na minha produção da imagem, essa potência se relaciona à ideia de um corte preciso das ilusões, não como representação literal da morte, mas como atravessamento sensível. Nesse processo, reconheço a ação da carta manifestando-se na experiência vivida, desdobrando-se silenciosamente no fazer artístico.

Sendo assim, observa-se que a instauração das imagens, embora derivadas tematicamente desses Arcanos, não se dá por meio de uma correspondência direta entre signos, mas por reconfigurações visuais a partir de interpretações e associações subjetivas, ainda que preservem o núcleo simbólico das cartas.

Nesse contexto, recorre-se às contribuições de Roman Jakobson (2007) no que diz respeito à noção de tradução intersemiótica, compreendida por ele como transmutação. Esse conceito permite pensar a prática artística, ainda que suas implicações se complexifiquem quando confrontadas com o processo artístico em questão.

No âmbito da linguística, Jakobson situa a transmutação como uma das formas de tradução, mais especificamente na tradução intersemiótica, caracterizada pelo trânsito entre linguagens verbais e visuais. Para isso, faz-se necessário considerar

a noção de tradução definida por ele, da qual derivam os estudos intersemióticos. Segundo o autor, compreender uma palavra é conhecer seu significado, logo, recorre-se a vários signos linguísticos, o que por sua vez configura-se tradução por outro signo mediante equivalências, semelhanças que venham atribuir maior clareza na comunicação. O linguista ou o receptor das mensagens apresenta-se como um intérprete que recodifica as mensagens para transmiti-las. Desse modo, há três distinções de interpretação de um signo: tradução intralingual – tradução por signos da mesma língua/idioma; tradução interlingual – interpretação de signos por outra língua/idioma; tradução intersemiótica ou transmutação – interpretação de signos verbais por outros sistemas de símbolos e signos não verbais, nesta última, sendo possível apenas sua transposição criativa, ou seja, “transposição da arte verbal para a música, a dança, o cinema ou a pintura” (Jakobson, 2007, p.47). À vista disso, entende-se que o tradutor/receptor/intérprete parece assumir um papel fundamental, pois é ele quem interpreta e recodifica as mensagens. Em outras palavras, é ele quem opera a transmutação de um sistema linguístico para outro.

Essa concepção permite aproximar a prática artística da noção de transmutação, uma vez que o processo criativo se inicia a partir da leitura de textos e imagens dos Arcanos do Tarô. Contudo, a passagem entre sistemas verbais e não verbais, localizada no interior da poética, parece ocorrer menos como recodificação de mensagem e mais por meio de deslocamentos interpretativos, que, por sua vez, podem reconfigurar sentidos e significados.

A partir de Jakobson, Julio Plaza (2003) compreende a tradução intersemiótica como trânsito criativo entre linguagens, estabelecendo uma relação de temporalidade: “O passado como ícone, como possibilidade, como original a ser traduzido, o presente como índice, como tensão criativo-tradutora, como momento operacional e o futuro como símbolo, quer dizer, a criação à procura de um leitor”. (Plaza, 2003, p, 8). Essa relação parece indicar que, na transmutação entre linguagens, pelo viés da tradução intersemiótica, o tradutor ou, no caso, o artista, se coloca diante de sua

referência, o “original” (aqui relaciono com o Tarô), que em si constitui uma história, uma temporalidade – o passado – para extrair dele as interpretações que serão transmutadas no instante presente, ou seja, no ato operacional de transmutação (das cartas e textos). O futuro, como o trabalho a ser exposto ao público, que estabelecerá suas relações, interpretações e significações.

Importante destacar que, segundo o autor, as manifestações artísticas que buscam interações entre linguagens, tais como colagem, montagens, apropriações e fusões interlinguagens, carregam em si relações tradutoras intersemióticas, mas não a realizam intencionalmente. A operação de TI (tradução intersemiótica) apenas se evidenciaria na atividade explícita e intencional dessas interações. Ressalta-se que à Plaza (2003) interessa a tradução intersemiótica a nível estético, visto que, para ele, esta confronta a continuidade do signo como representação, pois o signo estético se mostra aberto à interpretação e, portanto, não visa substituir outro signo ou objeto, mas constitui-se ele mesmo o objeto em sua função apresentativa e autônoma. Nesse sentido, a tradução não exprime a ideia de completar um signo em outro, mas cria com ele “uma ressonância, uma conexão por similaridade e contiguidade” (Plaza, 2003, p. 32). Portanto, as concepções de fidelidade são questionáveis, pois de acordo com o autor, esse modo de tradução implica determinadas escolhas que evidenciam uma dinâmica que mantém uma relação com seu original, porém o modifica, por que ele mesmo é produto de uma tradução.

Sendo assim, em um primeiro momento da minha prática artística, buscou-se, de certo modo, manter equivalências entre os elementos simbólicos das cartas e outros signos visuais correspondentes, a partir do que se compreendeu como uma operação intencional de TI. No entanto, ao longo do processo, essa abordagem passou a ser percebida como algo que condicionava minha liberdade artística a um modelo pré-estabelecido, limitando, em certa medida, atos espontâneos e involuntários próprios do fazer artístico. Desse modo, passei a me permitir explorar a simbologia e as significações das cartas em diálogo com seus textos de modo mais subjetivo, como

discutido anteriormente, tecendo associações individuais a partir de um imaginário simbólico próprio, sem manter uma fidelidade estrita às cartas. Isso resultou na geração de imagens que se sugerem independentes do seu referencial.

Essa reflexão parece conduzir o trabalho a certo distanciamento de uma operação explícita de TI, no que diz respeito à sua dimensão intencional evidenciada na prática, conforme propõe Plaza. Contudo, o processo artístico pessoal parece conter relações tradutoras-intersemióticas, na medida em que sugere a noção de transmutação como transposição criativa entre linguagens, considerando a interpretação do “tradutor”, ou no caso, da artista, visto que o signo estético pode ser entendido como um sistema aberto que não objetiva uma representação de signos por substituições equivalentes, pois, nessa operação, a transmutação confere ao trabalho produzido uma função de apresentação autônoma, ainda que mantenha relação com seu referente.

À vista disso, Diniz (1999) compreende a tradução intersemiótica como transformação, enfatizando a ideia de não fidelidade, pois a similaridade de um signo traduzido por outro pode ser fugaz, sem limitar-se ao conteúdo ou à forma, mas às inter-relações mais ou menos evidentes. Nesse sentido, para a autora, a noção peirciana⁵ de interpretante pode tornar-se útil, na medida em que se apresenta como um conjunto de possibilidades interpretativas, cabendo ao intérprete/tradutor estabelecer seu próprio interpretante, seja em nível objetivo, individual ou cultural. Assim, textos, filmes e peças teatrais considerados traduções uns dos outros são compreendidos como obras independentes que, embora relacionadas entre si, resultam de um processo transformacional que produz uma nova estrutura a ser entendida como obra autônoma.

No âmbito dessas elaborações, Camilotti (2014), ao investigar as implicações da tradução intersemiótica na passagem do texto para o teatro, reforça a concepção de que, nas traduções do verbal para não verbal, não há correspondência total entre

⁵ Diniz se refere às teorias da semiótica do linguista americano Charles Sanders Peirce.

os signos, uma vez que estes pertencem a sistemas semióticos distintos. Desse modo, conforme a autora, o texto de partida passa por modificações, reformulações, recortes e omissões, e a equivalência se vincula à busca por signos visuais que, de algum modo, estabeleçam correspondências entre os dois sistemas, sempre condicionadas à interpretação do tradutor.

No decorrer do meu processo artístico, percebo que, na produção das imagens, não se evidenciam, de maneira imediata, equivalências simbólicas de um signo para outro. Isso se deve, talvez, ao fato de meu interesse ter se deslocado dos detalhes visuais das cartas para seus conteúdos/temas, resultando em um trabalho que parece manter uma ressonância com seu referente em um nível temático, porém modificado visualmente. Ao operar por essa via, observa-se que escolhas relacionadas a trechos dos textos ou a elementos específicos das imagens das cartas, implicam cortes, produzindo omissões e permanências. Nesse sentido, surge a questão: o que se omite e o que permanece?

O contato com o Tarô é interpretado por mim como um encontro em que emergem palavras, fragmentos e ações simbólicas das cartas que, por alguma razão, ressoam com maior intensidade. Jodorowsky (2016) atribui ao Tarô uma espécie de espelho da alma, um camaleão que se converte naquilo que se vê. Nesse sentido, talvez seja possível considerar que as imagens resultantes desse processo dizem mais de mim do que dos próprios Arcanos, revelando aspectos de um mundo interno que encontra, pela via da transmutação, um escoamento, uma liberação. Contudo, quando lançadas ao mundo, conforme Plaza (2003), essas imagens passam a estar sujeitas às interpretações de quem as vê.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o caráter processual da pesquisa em artes, em que os conceitos emergem do processo de instauração do trabalho artístico, observou-se que operar

por um trânsito entre linguagens verbais e visuais – no que tange a utilização do Tarô (cartas e textos) nesta pesquisa – conduziu a ideia de transmutação, localizando na tradução intersemiótica ressonâncias significativas com a prática artística, naquilo que Jakobson (2007) caracteriza como uma transposição criativa entre sistemas de signos distintos e que é concebido por Plaza (2003) como trânsito criativo entre linguagens, no qual o signo estético assume um caráter autônomo, diluindo a ideia de fidelidade ao seu original e do signo como representação. Igualmente, Diniz (1999) e Camilotti (2014) somam-se às reflexões, elucidando as implicações contidas nas ações de TI, concebendo-a como transformação e destacando que as equivalências e similaridades entre diferentes sistemas semióticos estão vinculadas à interpretação do tradutor, o qual estabelecerá seu próprio interpretante.

Diante das concepções dos autores, buscou-se investigar aproximações e distanciamentos conceituais com a pesquisa, para compreender como o conceito de transmutação opera na minha prática artística e quais as implicações contidas no processo de transmutar as significações e simbologias do Tarô para a poética. Com isso, considerou-se, até o momento, que a operação de TI apenas se evidenciaria no caso de uma ação intencional e explícita, o que me parece convergir para um distanciamento, em certo nível, do meu trabalho, ao entender que assumir intencionalmente essa abordagem – como um modelo de equivalências de signos – poderia estar estancando processos espontâneos e involuntários que viessem a gerar novos desdobramentos da pesquisa, levando-me a optar por maior liberdade na exploração da interação entre as linguagens de modo mais subjetivo. Contudo, o processo artístico pessoal aparenta manter relações tradutoras intersemióticas, em certos aspectos, ao pensar a transmutação dos Arcanos em nível temático/conteúdo, estabelecendo, no trabalho resultante, ressonâncias com seu referencial, ainda que modificado visualmente, mas que parece conferir uma visualidade autônoma capaz de gerar novos significados e sentidos.

Quanto às apropriações de imagens na internet, penso que o ato de deslocá-las de seu contexto inicial e transpô-las para a colagem sugere um processo de ressignificação, talvez naquilo que Fontcuberta (2017) aponta como inscrever sentido, ou, conforme Bourriaud (2009), produzir singularidade a partir do que já existe. Com isso, emerge outra questão: essa operação poderia ser entendida também como transmutação, sob uma ótica de transformação de significados a partir do gesto de transposição, enquanto potencialidade inventiva, capaz de conduzir a novas reconfigurações, interpretações e sentidos? As incertezas são inerentes a toda pesquisa; sendo assim, as reflexões apresentadas neste artigo buscam avançar em questões que podem conduzir a poética a novos desdobramentos práticos e conceituais.

REFERÊNCIAS

- BOURRIAUD, Nicolas. **Pós-produção**: como a arte reprograma o mundo contemporâneo. 1º ed. São Paulo: Martins, 2009.
- CAMILOTTI, Camila Paula. **Shakespeare na Itália**: Construção intersemiótica de Rei Lear e La Tempesta em Giorgio Strehler. 2014. 426 p. Tese (Doutorado em Estudos de Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.
- DINIZ, Thais Flores Nogueira. **Literatura e Cinema**: da semiótica à tradução cultural. 1º ed. Ouro Preto: Editora UFOP, 1999.
- Fontcuberta, Joan. **La furia de las imágenes**: Notas sobre la postfotografía. 2º ed. Barcelona (Espanha): Galaxia Gutemberg, 2017.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. 24º ed. São Paulo: Cultrix, 2007.
- JODOROWSKY, Alejandro. **O caminho do Tarot**. 1º ed. São Paulo: Chave, 2016.
- PLAZA, Julio. **Tradução Intersemiótica**. 1º ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

Contribuição de Autoria

1 – Luise Dolinski Aranha

Mestrado em Artes Visuais pela Universidade Federal de Santa Maria
<https://orcid.org/0009-0005-9985-4229> • luisearanha@gmail.com

2 – Reinilda de Fátima Berguenmayer Minuzzi

Doutorado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina
<https://orcid.org/0000-0002-0490-1258> • minuzzireinilda@gmail.com

Editora chefe

Reinilda Minuzzi

Como citar este artigo

ARANHA, L. D.; MINUZZI, R. F. B. Transmutando o tarô para uma poética artística: reverberações intersemióticas. **Contemporânea - Revista do PPGART/UFSM**, Santa Maria, v. 5, n. 8, e89515, 2025. DOI: [10.5902/2179460X89515](https://doi.org/10.5902/2179460X89515). Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2179460X89515>.